

**FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO
“MODERNO”
SOCIAL FORMATION AND CULTURE: THE
CONSTRUCTION OF IDENTITY IN “MODERN”
CAPITALISM**

Maria Clara Pereira Soares¹

RESUMO

A identidade faz parte das relações sociais e é moldada pela sociedade. Ao longo da história, nem todas foram preservadas; muitas foram distorcidas ou apagadas, exterminando culturas. O capitalismo, com sua política gananciosa, impôs um modo de vida regulador, criando identidades segundo seus interesses e destruindo tradições. Porém, a identidade é dinâmica e se reconstrói por meio de elementos internos e externos, seus indivíduos sociais, dinâmicos, formando, coletivamente, uma sociedade diversa. Este trabalho se trata de um ensaio teórico sobre a formação sociocultural, na construção de uma identidade no capitalismo moderno, para isso fizemos um estudo bibliográfico sobre o assunto, abordando como referências, os principais autores históricos sobre o tema: Bauman, Stuart Hall, Marx e Engels e na contemporaneidade Wilson Honório, Muniz e Quijano.

Palavras-chave: Identidade; Capitalismo; Formação Social; Cultura.

ABSTRACT

¹Doutoranda em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pesquisadora do Núcleo de Estudo e Aprofundamento Marxista (NEAM). Cordelista e rapper, trabalha na Gerência de Comunicação e Marketing, com Produção Cultural no Metrô de São Paulo. ORCID: 0000-0003-3148-1380. E-mail: mariapsoa@gmail.com

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

Identity is part of social relationships and is shaped by society. Throughout history, not all of them have been preserved; many were distorted or erased, wiping out cultures. Capitalism, with its greedy politics, imposed a regulatory way of life, creating identities according to its interests and destroying traditions. However, identity is dynamic and is reconstructed through internal and external elements, its social, dynamic individuals, collectively forming a diverse society. This work is a theoretical essay on sociocultural formation, in the construction of an identity in modern capitalism, for this we carried out a bibliographical study on the subject, using as references the main historical authors on the subject: Bauman, Stuart Hall, Marx and Engels and in contemporary Wilson Honório, Muniz and Quijano.

Keywords: Identity; Capitalismo; Formation Social; Culture.

1. INTRODUÇÃO

As identidades culturais e sociais dos povos foram determinantes para a divisão do trabalho no mundo. Um exemplo desse processo é que enquanto na Europa se tinham os brancos, possuidores dos meios de produção e do poder econômico, do outro lado, populações reprimidas violentamente com seus territórios invadidos e culturas saqueadas, obrigadas a trabalharem de graça.

No desenvolvimento da relação capital-trabalho como forma específica de controle de trabalho, o trabalho assalariado era exclusivo dos brancos mesmo nos territórios não-europeus, então o trabalho se dividia conseqüentemente pela identidade que o indivíduo carregava.

A procura de identidade é reação de dois processos que se cruzam: Globalização mundial e nacionalização das relações de poder. Os indivíduos modernos passam por uma crise a procura se sua identidade coletiva e individual, essa procura só acontece por conta da perda dessa identidade e vão em busca de sua construção. Procuram fragmentos do passado e

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

na própria cultura, a arte popular, aspectos tradicionais e históricos da região. Essa cultura popular é lembrada por sua memória regional.

A necessidade da reafirmação de uma região pela prática de suas culturas tradicionais é fundamental para o reconhecimento de sua identidade coletiva, e para o estabelecimento da visibilidade regional. Vimos isso nas músicas, nas festas, na comida típica, ou seja, em seus elementos culturais. O processo de colonização possibilitou a perda dessa tradição, culturas estrangeiras e europeias foram introjetadas nas nossas educações e hábitos.

Portanto, iremos abordar neste artigo o conceito de identidade, de uma forma mais conceitual, para poder entender sua formação na sociedade. E essa sociedade é a constituída no capitalismo, trazendo exemplos de processos históricos de sua construção, desmistificando a modernidade e algumas ideologias que forma esse sistema social. E assim apresentar uma saída cabível para o reconhecimento de uma identidade individual e coletiva.

2. O CONCEITO DE IDENTIDADE

Das formulações de Bradley (1996), onde propõe identidade:

A identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provêm das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam. (BRADLEY, 1996, p. 24)

Deste modo, a identidade deve ser entendida como uma construção social que parte da vida concreta de cada indivíduo, identidade não significa apenas a representação, mas acima de tudo, ela é forjada a partir da experiência vivida, sentida na pele pelos indivíduos. Deste modo, “a identidade se constrói e se reconstrói no interior das trocas sociais” (CUCHE, 1999, p. 183).

Ciampa (1987) aborda identidade como uma transformação constante, relacionando o contexto histórico, social com a história da pessoa e seus projetos. Está na vivência pessoal e na cultura, cumprindo um papel fundamental para a construção identitária.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

Identidade é movimento, porém, uma vez que a identidade pressuposta é reposta pelos ritos sociais, passa a ser vista como algo dado e não como se dando. A reposição, portanto, sustenta a mesmice, que é a ideia de que a identidade é atemporal e constante: identidade-mito. A superação da identidade pressuposta denomina-se metamorfose. (CIAMPA, 1987 p.145).

Candau (2008) trata a identidade como uma representação ou um estado adquirido. Ele faz uma relação da identidade com a memória, acredita que não há busca identitária sem memória, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente.

No texto, *Identidadeé, reconhecimento e o mundo moral*, Oliveira (2005) cita Barth, que aborda o conceito de identidade como um fenômeno caracterizado por uma evidente autonomia relativamente à cultura. Quando Oliveira aborda o conceito de cultura, entendendo se nela estiverem expressos valores tanto quanto os horizontes nativos de percepção dos agentes sociais inseridos na situação de contato interétnico e intercultural. Afirma que a própria cultura é importante na confirmação da identidade étnica. Para ele a identidade étnica é identidade contrastiva, de conformidade.

Os autores tratados acima, de alguma forma abordam a identidade como algo construído, a partir de uma sociedade e relações sociais. Interessante observar essas colocações visto a pluralidade nessas relações e vivências de cada comunidade e grupos. Quando tratamos a identidade como essência desconsideramos o ser humano como ser social, pois ver a identidade como algo apenas subjetivo, da própria essência, como um ser apenas biológico. Por exemplo, quando iremos abordar a identidade negra, particularmente no Brasil, é um ato político, por toda sua construção histórica. Oliveira (2005) apud Silva (2016) desenvolve bem a tomada de consciência na construção da identidade racial. Observemos:

Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura. Assumir a identidade racial negra em um país como o Brasil é um processo extremamente difícil e doloroso, considerando-se que os modelos ‘bons’, ‘positivos’ e de ‘sucesso’ de identidades negras não são muitos e poucos divulgados e o respeito à diferença em meio à diversidade de identidade raciais/étnicas inexistente. (OLIVEIRA apud SILVA, 2016 p. 164)

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NO CAPITALISMO

Para Marx, as relações sociais são determinadas pela produção capitalista e que o homem se forma a partir de sua condição material ou na objetividade do trabalho. A identidade é fruto dessas relações, se cria em um meio também a partir de um funcionamento e/ou gestão de vida coletiva. Quando se fala de multiculturalismo considera-se um consenso, onde existem diferenças, mas as contradições dessas diferenças são abafadas com um objetivo de controle social. Esse abafamento realça o mito, falso de algo.

Quando falamos do mito da democracia racial, queremos dizer que dentro de uma determinada cultura, hábitos introjetados, símbolos e significados, não existe a igualdade racial, considerada como um processo de reconhecimento. O reconhecimento é condição para identificação. É considerar determinada pessoa ou grupo como detentores de um valor social. A consequência desse reconhecimento são os seus direitos, entre esses direitos está possuir uma identidade. No Brasil, por exemplo, os direitos são negados e servem como aparato ideológico para não acontecer o reconhecimento individual e grupal. A teoria do embranquecimento de Clovis Moura, deixa explícito como o direito a identidade do negro nos fora negado.

O mito da democracia racial foi um elemento crucial ideológico para introdução do racismo na sociedade brasileira culturalmente. No processo de miscigenação, depois da abolição da escravatura, a burguesia enquanto classe formada, construiu algumas políticas para o apagamento dos negros no país, a política de higienização era o embranquecimento através das relações interraciais, nesse caso muitas relações forçadas, por também estupros de escravizadas, ou até mesmo o extermínio pela exclusão e desigualdade social, na concretude: a expulsão do negro na dinâmica da sociedade. Foram diversos mecanismos para que os negros e negras fossem apagados, e um deles eram os próprios negros e negras não se reconhecerem enquanto negros, apagando sua identidade. Esse processo ideológico, se concretiza na tentativa de exprimir uma identidade nacional, o livro de Gilberto Freyre (1933) *Casa Grande e Senzala*, desenha uma imagem do Brasil, harmonioso, onde as relações raciais deram certo.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone. (FREYRE, G. 2003 p. 80)

É certo que não foi só o livro de Freyre que cumpriu esse papel de construir falsificações ideológicas, mas toda uma prática no cotidiano vivido até os dias de hoje, na formação social e cultural do país. Portanto, a democracia racial é uma farsa, e por isso um mito, pois até hoje é possível enxergar as desigualdades impostas à maioria da população que é negra nesse país, observando os dados econômicos, sociais, de moradia, saúde e de acesso à educação, onde principalmente as mulheres negras, se localizam na pirâmide social no Brasil.

Em relação a população ocupada, a quantidade de mulheres negras ocupadas caiu 11,5% entre o primeiro trimestre de 2020 e 2021, maior queda entre os quatro grupos [Homens Brancos e Amarelos (-1,3%), Homens negros (-6,6) e Mulheres Brancas/Amarelas (-7,0%)]. Esse aumento contribuiu para que a taxa de desemprego atingisse 22,1% no 1º tri de 2021. Já no 1º trimestre de 2022 todos os grupos voltaram a atingir os níveis do 1º tri de 2020, com as mulheres negras apresentando o menor crescimento no período (1,6%). (FEIJÓ, J. Disponível em <https://portal.fgv.br/artigos/participacao-mulheres-negras-mercado-trabalho>. Acesso em 03 de jul. 2023)

No Brasil desde sua colonização não há harmonia em nenhum âmbito, muito menos após abolição. Os colonizadores chegaram de forma violenta e exterminaram milhares de indígenas, assim como, tornaram humanos em mercadoria e forçaram a trabalhar e serem transportados por meses em navios, onde grande parte não sobreviviam. Diferente do que Freyre expressa em seu livro, construindo uma fantasia sobre o processo de dominação do território brasileiro.

Um temos que, como Degler desenvolve, no decorrer de sua obra, não deveria preocupar tanto a elite brasileira, já que Gilberto Freyre havia encontrado a “solução final”: “o desaparecimento da questão negra pelo desaparecimento do próprio negro”, algo que mesmo que fosse impossível pelo simples processo de

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

miscigenação, estaria garantido pelo “apagamento” ideológico da negritude e dos conflitos gerados pelo racismo, objetivo primeiro e último do mito da democracia racial. (SILVA, W., 2016 p. 173)

Portanto, a identidade é a construção de uma vida com direitos e dignidade, contudo sem o reconhecimento da realidade vivida dos sujeitos, serve de manipulação e controle social, que segue a mesma lógica de dominação da colonização até a contemporaneidade, é preciso ir além, identidade por si só não adianta.

Oliveira (2005) coloca como “ferimentos morais”, a negação do reconhecimento. Ele fala que existem três módulos de reconhecimento identitário voltados para a busca de respeito próprio, se tratando dos indígenas. O primeiro é o alto significado que o indígena atribui ao reconhecimento de si pelo outro. Segundo constatação de como o indígena é visto e tratado pelos regionais e por último a manipulação da identidade étnica, um ganho social ou aumento da taxa de respeito (OLIVEIRA, 2005 p. 28). Infelizmente hoje em dia, qualquer grupo que não predomine o modo de vida e cultura prevalecida, não tem seu próprio direito de identidade, esses grupos e etnias são desprezados e desrespeitados e quando a partir das relações tentam se inserir nos espaços, como indica Oliveira (2005): “o índio urbano, na proporção em que invoca sua identidade étnica, é tão índio quanto o morador do território indígena.” Não são aceitos ou não são tratados como tais.

Quando não temos esse autorreconhecimento ou moral de reconhecimento começamos a nos enxergar nos olhos dos outros, Oliveira chama de consciência infeliz “o índio se ver com os olhos dos brancos”. As diferenças étnicas envolvem diferenças culturais que possuem impacto comparativamente variável sobre a natureza das relações sociais.

A cultura é uma construção social, são ideias e hábitos introjetados, símbolos e significados, podendo conter diversos grupos étnicos nessa mesma cultura. E a identidade também consideramos como construção social, mas sendo consciente, pega elementos da cultura que se identificam. Esses conceitos se cruzam e dialogam entre si, constantemente.

É fundamental a separação do entendimento entre cultura e civilização, pois faz entender também a diferença entre colonizador e colonizado. Para Muniz, o conceito de civilização era visto ligado à técnica, à artificialidade, enquanto a cultura estaria ligada à vida intelectual e espiritual. A civilização seria um processo universal modernizador, enquanto a

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

cultura seria um fenômeno nacional e particularizado. A cultura seria a singularização dentro do processo civilizatório, devendo ser o reflexo do espanto, da essência do além do nacional. O autor coloca isso pois foi fruto do processo de colonização, culminando em pouca tradição cultural, até os dias de hoje.

Até que ponto a colonização havia nos imprimido uma marca que não nos deixaria possibilidade de sermos outro senão a própria imagem do colonizador? Mas ao mesmo tempo, o próprio discurso do colonizador nos punha como um espaço exótico, nos excluía e nos colocava como outro de si mesmo. O que se colocava era a aceitação, ou não, dessa imagem, dessa posição de espaço periférico, subordinado, desses simples prolongamentos de um centro civilizatório, propondo-nos, ou não, a sermos também um centro produtor de cultura. (MUNIZ, 1994 p. 70)

Nesse processo colonizador, formam-se uma cultura miscigenada, modificada, que aglutinasse uma diversidade cultural, construindo um projeto cujo objetivo era uma cultura nacional que pudesse abarcar os elementos culturais dos negros e indígenas e populares do país com a cultura erudita vinda da Europa, forjando “essa diversidade a serviço da identidade e da homogeneidade” (MUNIZ, 1994 p. 69). Esse processo de nacionalização foi fundamental para a discussão de nossa identidade, dando origem à ideia de cultura nacional, no século XIX, quando foi trazida pela civilização e pelo capitalismo, fruto de um projeto modernista.

O projeto modernista era o de “captar o sentido da evolução da cultura nacional”, procurando influenciá-la, determinando seus dados essenciais, produzindo sua síntese, superando a dicotomia entre o popular e o erudito, nascida no processo de uniformização crescente da sociedade e da padronização dos códigos de “civildade”, que teria exigido uma rapidez de comportamentos maior “por parte das elites” em oposição à ignorância das “camadas populares”. O modernismo traz um projeto de rompimento dessas fronteiras culturais de generalização dos códigos culturais para a nação. (MUNIZ, 1994 pag. 72)

Bauman (2013) explica que o processo de migração de pessoas fez parte da definição das identidades culturais dos territórios e do processo de modernização do mundo. Para isso ressalta três fases:

- 1) Migração de 60 milhões de pessoas naquela época (colonização das “terras livres”) dizia a única área (Europa) em “processo de modernização”.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

- 2) Os nativos que seguiam os “colonizadores” quando voltavam para terra natal, se constituindo a minoria da população, seguindo o modelo estratégico da Europa, da assimilação.
- 3) É a era das diásporas, são colônias étnicas vivendo na lógica da globalização. Diferentes das outras, com característica colonial, essa tem fronteiras abertas à migração.

Essa última fase nos coloca o questionamento entre os conceitos de identidade e nacionalidade, e o lugar de vida e sua identidade cultural. Stuart Hall vai falar que a identidade sofre uma pluralização ao longo de suas transformações (HALL, 2022) e que, portanto, a identidade cultural surge de nosso pertencimento. É importante pontuar que Stuart Hall assim como Bauman são dois autores pós-modernos das ciências sociais que desenvolvem o conceito de cultura assim como de identidade a fim de conceitualizá-las no pensamento moderno. Aqui caracterizamos e deixamos em destaque nossa diferenciação com o método dos pensamentos pós-modernos². A diferença desse pensamento em relação ao marxismo, o qual embasamos esse artigo, é a análise da realidade. Enquanto o Marxismo tem como método de entender a realidade de forma totalizante, incluindo todos os aspectos da vida do conjunto da sociedade, a teoria pós-moderna pulveriza essa análise, procurando explicações da realidade a partir de fragmentos dos indivíduos na sociedade.

Para eles, procuram entender a identidade de um sujeito, analisando de forma multifacetada, assim como o desenvolvimento das sociedades de forma linear, como se fosse um processo natural de desenvolvimento, desconsideram a causa principal dessa divisão, ocorrida na história, o que influenciou toda divisão mundial, tanto em questão de território como de classes, o que podemos afirmar, é que essa divisão se dá pela posição que o sujeito ocupa na produção econômica de uma sociedade, se detém os meios de produção ou os que apenas dependem de sua força de trabalho para sobreviver. Portanto, um indivíduo não é apenas um indivíduo por si só em uma sociedade, ele já nasce com sua identidade de classe, étnica a partir da localização econômica que se encontra. Marx vai escrever: “A sociedade

² A teoria pós-moderna se dá com a ruptura das ideias iluministas, modificando alguns conceitos antes utilizados, por exemplo, o pensamento coletivo por sentimento de individualismo;

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado." (MARX; ENGELS, 2017 p. 15)

Hall (2022) afirma que na época moderna “erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade”. Mesmo que o autor afirme que antes do período que marca a modernidade, os indivíduos tinham uma identidade e individualidade, argumenta como uma forma “avançada”, a construção da identidade, do que no período da pré-modernidade. Para mim é a construção de uma visão eurocêntrica por afirmar que a modernidade é a libertação do indivíduo das tradições. (STUART HALL, 2022 p. 17)

Para Quijano (2005) a modernidade é um conceito ambíguo, pois desconstrói a ideia de que a história da modernização deu origem com a constituição da Europa. Ele define a modernidade como uma junção do velho e novo mundo, pois tentam desconsiderar toda construção histórica de regiões, culturas e povos de antes da formação da Europa Ocidental como é conhecida atualmente. Ou seja, houve uma distorção temporal, colocando tudo que era não-europeu como passado, primitivo e tradicional, se opondo ao moderno e civilizado.

O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os modernos da humanidade e de sua história, isto é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. (QUIJANO, A. 2005 p. 122)

A divisão do trabalho aqui não é mais só em uma localidade, mas em todas as regiões do mundo, formando as classes sociais a partir de um domínio do capital e de território, raça, modo de vida, política etc. Para isso, o poder econômico mundial testou estratégias para estabelecer a “interação” e convivência com diversos povos dividindo suas culturas nos mesmos territórios, existindo hierarquia social entre elas, claro!

O Multiculturalismo, por exemplo, foi uma tática dos poderosos em mascarar essas diferenças, tudo em prol do desenvolvimento do capitalismo e o lucro do capital. Bauman vai definir este conceito como “as únicas atividades que poderiam reduzir ou superar de toda a fragilidade atualmente crônica dos poderes convocados a caracterizar a mudança social”

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

(BAUMAN, 2013 p. 45). Para ele, o multiculturalismo hoje se dá como uma força conservadora, embora seu impulsionador seja a transformação da desigualdade social, se apresenta como um disfarce de “diversidade cultural”.

As culturas são colocadas no mesmo bolo, sem fazer distinção de classe, portanto, quando se aborda o multiculturalismo é impossível abraçar todas as culturas. Para ele, essa noção de multiculturalismo virou uma “marionete de uma globalização ‘negativa’”.

O “multiculturalismo” é hoje a resposta mais frequente das classes instruídas, influentes e politicamente importantes quando se pergunta que valores cultiva e que direção seguir em nossa era de incerteza. Essa resposta é elevada ao status de cânone da “correção política” e, além disso, se transforma num axioma que não exige fundamentação nem prova; ela torna-se os prolegômenos peculiares a todas as outras considerações a respeito de escolhas da linha política, uma doxa fundamental, ou seja, o conhecimento que nos ajuda a pensar, mas que raramente se torna objeto de nossos pensamentos. (BAUMAN, 2013 p. 48)

Nessa perspectiva, quem propõe o multiculturalismo enxerga os problemas do mundo se resolvendo. Mas é mais um mecanismo de individualização e jogo de responsabilidade para os indivíduos que caem nessa fé como se fossem um refúgio que Bauman chama de “ideologia do fim da ideologia”.

A crítica do autor ao multiculturalismo remete a um modelo que tem a sua gênese na mobilidade humana - seja por aspectos econômicos ou motivada por deslocamentos ligados a heranças coloniais - e que ascendeu pela necessidade de justificar a emergência de diferentes identidades em países até então culturalmente “homogêneos”. O discurso do multiculturalismo surge, assim, quando após intensos incentivos à mobilidade humana para a ocupação de postos de trabalho e formação de um “exército de mão-de-obra” nos países centrais, a visão dos imigrantes como trabalhadores temporários passa a se modificar.

Articulados aos movimentos sindicais, demandando serviços públicos e uma maior integração sua e de suas famílias, a força de trabalho que era planejada como uma satisfação de uma demanda temporária, se tornava progressivamente permanente. Assim, países como a França e a Alemanha, que viam filhos de imigrantes, nascidos e educados nesses países, como “imigrantes de segunda geração” se depararam com uma progressiva demanda por direitos por parte desses grupos. Nesse contexto, o multiculturalismo foi uma resposta de forma a

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

harmonizar tensões e criar identidades híbridas, que não eram iguais as nativas, mas também não eram imigrantes: franco-argelinos e turco-alemães necessitam ser aceitos como os cidadãos desses países de forma a respeitar suas diferenças e identidades, mas também reconhecê-las.

Para isso Bauman propõe o “multicomunitarismo” pois para ele é um conceito que respeita as diferenças e tocara no problema social não só como um problema a ser resolvido com essa “diversidade cultural” maquiada promovida pelas classes dominantes, mas dada as mesmas condições para amenizar as condições materiais dos grupos e o respeito entre esses.

Ainda assim, a resposta de Bauman é limitada pois tenta resolver o problema da aceitação das culturas por dentro do capitalismo, sistema qual é impossível o respeito de todas as culturas/povos/etnias por iguais, para o capitalismo é preciso ter uma sobre a outra para exercer seu poder de dominação. Diferente de Marx e Engels que propõem o fim da propriedade privada, diminuição da jornada de trabalho e conseqüentemente o fim da divisão de trabalho imposta pelo capitalismo, para que os trabalhadores não se vejam mais presos aos seus meios de vida, portanto, uma nova sociedade, a comunista.³

Com efeito, a partir do momento em que o trabalho começa a ser dividido, cada homem se move num círculo exclusivo de atividades, que lhe é imposto e do qual não pode escapar; o homem torna-se caçador, pescador, pastor ou crítico e não tem outra alternativa que continuar sê-lo - se não quiser ver-se privado dos seus meios de vida - ao passo que, na sociedade comunista, onde cada indivíduo não tem um círculo exclusivo de atividades, mas pode desenvolver suas aptidões na direção que melhor lhe aprouver, com a sociedade encarregando-se de regular a produção geral, então se torna realmente possível que posso dedicar-me hoje a isto e àquilo amanhã, que possa caçar pela manhã, pescar à tarde e à noite apascentar o gado e, depois jantar, se quiser, praticar a crítica, sem necessariamente torna-se, em exclusivo, caçador, pescador, pastor ou crítico. (MARX, K. & ENGELS, F. 2010 p. 139)

4. CONCLUSÃO

³ Comunismo é um sistema social onde propõe a abolição da propriedade privada burguesa, substituindo por uma economia planificada; colocando fim às classes sociais; às opressões; à desigualdade social; ao Estado. Fazendo com que exista apenas indivíduos sociais que façam sua própria gerência em todos os âmbitos da vida humana em sociedade, de forma coletiva, justa e igualitária, o que Marx chama de uma sociedade COMUM a todos indivíduos sociais.

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

É possível concluir neste processo, nesta divisão de trabalho, que as culturas dominadas eram consideradas inferiores e por isso incapazes de receberem pela sua produção de trabalho. Essa ideia levou a milhares de indígenas, negros e mestiços ao genocídio. Isso, portanto, levou também à construção de novas identidades culturais.

No curso da expansão mundial da dominação colonial por parte da mesma raça dominante – os brancos (ou do século XVIII em diante, os europeus) – foi imposto o mesmo critério de classificação social a toda a população mundial em escala global. Consequentemente, novas identidades históricas e sociais foram produzidas: amarelos e azeitonados (ou oliváceos) somaram-se a brancos, índios, negros e mestiços. Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial. (QUIJANO, A. 2005 p. 119)

Ou seja, o controle do trabalho com o aspecto da raça, estavam estreitamente articuladas, uma forma naturalizada, podendo associar um determinado tipo de trabalho com o grupo específico dominado. Portanto, apenas a classe possuidora dos assuntos comuns da sociedade, entre eles a arte, poderia desenvolver suas atividades. A classe trabalhadora não tinha esse tempo. E esse processo foi passando em cada modelo econômico instaurado no desenvolvimento das sociedades.

Enquanto a população realmente trabalhadora, absorvida por seu trabalho necessário, não dispôs de nenhum momento livre para dedicar a gestão dos assuntos comuns da sociedade [...] tinha que existir, forçosamente, uma classe especial, que livre do trabalho efetivo, se dedicasse a tais assuntos, classe que não podia nenhuma oportunidade para impor novas e novas cargas de trabalho às massas trabalhadoras, explorando-as em proveito próprio. (ENGELS, F. 2010 p. 179)

É percebido que a escravidão foi a primeira forma de propriedade do homem sobre o trabalho do outro. Como afirma Marx: “a divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas: o que uma diz em relação à atividade, a outra diz em relação aos seus produtos.” (MARX, K. 2010 p. 139)

Assim, quando começa a divisão do trabalho, também é dividido o conjunto de atividades na sociedade. Cada homem e mulher pertence agora a um grupo de trabalho, que lhe é imposto como exclusividade. As atividades sociais são cristalizadas a aquilo que o

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

indivíduo foi designado a seguir no seu trabalho. Impossibilitando que desenvolva outras aptidões que tenham interesse e desejos.

Só é possível, as massas, realizarem alguma atividade artística e cultural, após o fim da escravidão e o surgimento da indústria, onde pôde diminuir a jornada de trabalho, com o crescimento das forças produtivas, tendo tempo livre para participar desses assuntos coletivos da sociedade.

Somente o advento da grande indústria, com seu gigantesco crescimento das forças produtivas, pode permitir que o trabalho se distribua sem exceção entre todos os membros da sociedade, reduzindo a jornada de trabalho do indivíduo a limite que deixam a todos o suficiente tempo livre para intervir - teórica e praticamente - nos assuntos coletivos da sociedade. (ENGELS, F. 2010 p. 180)

Mesmo assim, ainda hoje os trabalhadores têm um tempo muito limitado, mesmo com o avanço da indústria, no capitalismo flexível do século XXI, os trabalhadores ainda são limitados de seu tempo para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais.

O modo de vida vivido hoje não é muito diferente do que Bauman e Engels expressam no período Iluminista, as classes não se misturavam, nem suas culturas eram produzidas juntas. Quem tinha o domínio e o poder dessa produção eram as classes altas, mas o próprio artesanato, feito pelos artesãos, trabalhadores, eram comandados pelos filisteus.

Para estes autores todo esse processo nos remete a um contexto e uma forma de sociedade. O que trazem Marx e Engels da idade antiga, o poder dos reis asiáticos e egípcios ou dos teocratas trouxe para a sociedade moderna e transferiu para os capitalistas. Bauman define como cultura no mundo líquido, na atualidade, a modernidade líquida.

Na modernidade líquida, o termo “líquido” seria para justificar uma “modernização compulsiva”. Que as condições que vivemos hoje nessa modernidade é dissolúvel.

A cultura em tempos de modernidade líquida é individualizante: “Na ausência de qualquer expectativa de revisão fundamental da ordem social, está claro que todo grupo humano é obrigado a encontrar por si mesmo seu próprio lugar nas estruturas líquidas da realidade, e aguentar as consequências de sua escolha.” (BAUMAN, 2013). Tendo a função de responsabilizar os indivíduos pelas suas escolhas, essas seriam necessidades e deveres da vida. E as consequências dessas escolhas também são colocadas para os ombros desses indivíduos.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 33, Fluxo contínuo (2024): Edição “Conhecimento e diversidade”

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

A nossa é uma sociedade de consumidores, em que a cultura, em comum com o resto do mundo por eles vivenciado, se manifesta como arsenal de antigos destinados ao consumo, todos competindo pela atenção, insustentavelmente passageira e distraída, dos potenciais clientes, todos tentando prender essa atenção por um período maior que a duração de uma piscadela. (BAUMAN, 2013 p. 18)

A cultura não satisfaz mais necessidades existentes, faz-se criar outras necessidades, cumprindo apenas o papel de neutralizar a satisfação total dos indivíduos consumidores, ou seja, serviria como elemento de alienação da sociedade, “o que não deixaria espaço para outras necessidades e fantasias novas, ainda não alcançadas”. (BAUMAN, 2013 p. 21)

Marx retrata em sua obra o aspecto da necessidade e do sujeito. A cultura na “modernidade líquida” - para Lenin (1916) usaria o conceito de *imperialismo, fase superior do capitalismo*⁴ -, seria mercadoria e não apenas um objeto para o sujeito, mas também, o sujeito se molda para ter/ser o objeto.

A produção [...] não se limita apenas a oferecer um objeto material à necessidade – também oferecer uma necessidade ao objeto material. Quando o consumo se libera da sua grosseria primitiva e perde seu caráter imediato (e o fato mesmo de permanecer preso a ele seria ainda o resultado de uma produção prisioneira de um estágio de grosseiro primitivismo), o próprio consumo, como impulso, tem o objeto como mediador. A necessidade que experimenta desse objeto é criada pela percepção dele. O objeto da arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de compreender a arte e de fruir a sua beleza. Portanto, a produção não produz somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. (MARX, K. 2010 p. 137)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1º ed. RJ: Zahar, 2013.
- BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.
- CANAU, Joel. **Memória e identidade. Introdução**. Buenos Aires: Editora Del Sol, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. 2º ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.
- CIAMPA, Antônio. **As categorias fundamentais da psicologia social. Cap.: Identidade**. São Paulo: 1987.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DURANS, C. A. **Políticas de raça e classe no Brasil: uma crítica marxista**. São Paulo: Editora Sundermann, 2021.

⁴ Título do livro *Imperialismo, fase superior do Capitalismo* de Vladimir Ilitch Lenin de 1916.

FORMAÇÃO SOCIAL E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CAPITALISMO “MODERNO”

- ENGELS, F. & MARX, K. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. 1º Ed. SP. Expressão Popular, 2010.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**; tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2ºed. São Paulo: Expressão Popular, 2008
- _____. **O capital: crítica da economia política**. Livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____; ENGELS Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1989.
- _____; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 3ºed. São Paulo: Sundermann, 2017.
- MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.
- MOURA, Clóvis. **Ideologia do branqueamento**. São Paulo: Globas. 1983.
- MUNIZ, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Campinas, SP: 1994.
- OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, étnica, reconhecimento e o mundo moral**. In. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 9, vol. 16(2). 9-40. Pernambuco: 2005.
- _____. **Os (des) caminhos da identidade**. In: RBCS. Vol. 15 nº 42. São Paulo: Fevereiro. 2000.
- ORLANDI, ENI P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez e Editora da Unicamp, 1988.